



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Reflexões sobre a variação linguística em Língua Inglesa e o Inglês como Língua Franca

Por: Beatrice Elaine dos Santos⁴⁷

beatriceasantos@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa visa refletir sobre algumas variações linguísticas ocorridas na língua inglesa (LI) ao decorrer dos anos. Discutir variações relacionadas ao inglês estadunidense e britânico que (ainda) são as variações mais influentes no âmbito acadêmico e pensar o uso desta língua na contemporaneidade se faz necessário para a prática docente. A LI, assim como as demais línguas faladas no mundo, vem sofrendo várias transformações e o uso do inglês como língua franca (ILF) tem se destacado em muitas pesquisas recentes, onde autores como Matsuda (2003), Gimenez (2014), Seidlhofer (2017) e Berns (2011) discutem visões sobre variedade da língua. Discorreremos conceitos acerca de variações da língua ancorados pela perspectiva da Sociolinguística adotada por pesquisas de autores como Labov (2008), Camacho (2013) e Mollica (2003).

Palavras-chave: Inglês como Língua Franca; Variação Linguística; Sociolinguística.

Resumo

Ĉi tiu esplorado celas pripensi iujn lingvajn variaĵojn okazintaj en la Angla lingvo tra la jaroj. Diskuti pri variaĵoj rilataj al Usona kaj Brita Angla lingvo, kiuj estas (ankoraŭ) la plej influaj variaĵoj en la akademia sfero kaj pensi pri la uzo de ĉi tiu lingvo en nuntempaj tempoj estas necesa por instruado. Ĝi, kiel la aliaj lingvoj parolataj en la mondo, spertis plurajn transformojn kaj la uzo de la Angla kiel Franca lingvo (ILF) elstaris en multaj lastatempaj esploroj, kie aŭtoroj kiel Matsuda (2003), Gimenez (2014), Seidlhofer (2017) kaj Berns (2011) diskutas opiniojn pri lingva vario. Ni diskutos konceptojn pri lingvaj variaĵoj ankritaj de la perspektivo de sociolingvistiko adoptita de esplorado de aŭtoroj kiel Labov (2008), Camacho (2013) kaj Mollica (2003).

Ŝlosilvortoj: Angla kiel internacia lingvo; Lingva variaĵo; Sociolingvistiko.

⁴⁷ Mestra em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, graduada em Licenciatura Letras Português-Inglês pela mesma instituição.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract

This research aims to reflect on some linguistic variations that occurred in the English language (EL) to over the years. Discuss variations related to American and British English that (still) are the most influential in the Academia and thinking about the use of this language in contemporary times it is necessary for the teaching practice. The EL, as well as the other languages spoken in the world, has undergone several transformations and the use of English as a lingua franca (ELF) has been highlighted in many recent surveys, where authors as Matsuda (2003), Gimenez (2014), Seidlhofer (2017) and Berns (2011) discuss views on variety of language. We will discuss concepts about language variations anchored by the perspective of sociolinguistics adopted by researches by authors such as Labov (2008), Camacho (2013) and Mollica (2003).

Keywords: English as a Lingua Franca; Linguistic Variation; Sociolinguistic.

Introdução

Se pararmos para pensar como a língua era estudada há muitos anos atrás, tínhamos a ideia de uma língua homogênea, imutável e sem possibilidades de mudanças e o ambiente externo nada tinha a ver com o seu uso, a partir do século XX, estudos voltados à Sociolinguística trouxeram importantes contribuições para entendermos como a língua é usada de fato.

A Sociolinguística abrange diversas áreas da língua, para poder entender suas origens, os contatos e relações com as demais línguas, o desaparecimento das mesmas e suas variações, tendo a mudança linguística como ponto de partida. Segundo Mollica (2007):

[...] a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais a comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade (MOLLICA, 2007, p.10).

Para Mollica (2007, p. 11), a sociolinguística investiga o grau de estabilidade e mutabilidade da variação de uma língua e prevê seu comportamento regular e sistemático, contextualizando sua mudança. Mas nem sempre esta mudança é



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“exergada com bons olhos”, pois sabemos que ainda existem preconceitos linguísticos e estes são muito discutidos no meio acadêmico, já que ainda se prevalece a percepção de uma língua culta/padrão diferenciando o que é certo e o que é errado. Desta forma, para a autora, este estudo da língua contribui na desconstrução deste preconceito relacionando os diferentes usos da língua.

As mudanças linguísticas acontecem de maneira gradativa em diferentes proporções e isto não acontece de maneira mecânica e ordenada em um pequeno espaço de tempo, existem estágios de evolução que a língua irá se transformar e estas mudanças poderão interferir na estrutura das palavras.

Segundo Sturtevant 1947 apud Labov 2008, o processo de mudança linguística pode ser considerado em três estágios:

Na sua origem, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua propagação, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu término, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes.

Percebemos então que são diversos fatores que poderão influenciar na forma com que uma língua poderá ser modificada ou não.

Neste trabalho discutiremos algumas variações da língua inglesa, tendo como foco o inglês falado nos Estados Unidos da América (EUA) e no Reino Unido (RU) em contraposição ao uso do ILF que vem sendo defendido por muitos pesquisadores na área de linguística aplicada e quais implicações são trazidas para a prática docente de LI.

Um olhar sobre a esfera social

Os estudos da sociolinguística possibilitaram uma amplificação de compreensão da língua e suas mudanças por diversas perspectivas e apresentou uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

contribuição para romper o movimento epistemológico que foi motivado pelo princípio de que “nenhum dialeto, ou variedade dialetal é inerentemente superior a qualquer outra similar como meio de exposição, de narração, de comunhão fática ou de qualquer tipo de comunicação verbal” (Camacho, 2013, p.19). Em outras palavras, os diferentes usos da língua propiciada em diferentes sociedades, grupos ou convívio social devem ser consideradas, evitando usos de prestígio por classes sociais onde o poder aquisitivo é superior, impedindo o preconceito linguístico de classes sociais desprivilegiadas, assim, nenhuma variedade deve ser considerada superior ou inferior a outra.

Sobre o papel de fatores sociais na mudança linguística, Labov (2008) afirma que:

A estrutura linguística e a estrutura social não são de modo algum coextensivas. A grande maioria das regras linguísticas estão bastante distantes de qualquer valor social; elas fazem parte do elaborado mecanismo de que o falante precisa para traduzir seu complexo conjunto de significados ou intenções em forma linear (LABOV, 2008, p. 290).

Para o autor, a intenção da fala de cada indivíduo irá possibilitar ou não a forma com que cada um faz uso da língua de acordo com a sua importância no contexto que será utilizada. A respeito da forma com que cada indivíduo adquire a aprendizagem e uso da língua, ele sugere que:

É no primeiro ano do ensino médio que o falante começa a adquirir o conjunto de normas avaliativas. Ele se torna sensível ao significado social de sua própria maneira de falar e de outras; a familiaridade total com as normas da comunidade parece ser atingida aos 17 ou 18 anos de idade. Por outro lado, a capacidade de usar formas prestigiadas de falar, como a pronúncia do *r*, só é adquirida relativamente tarde: os mais jovens parecem iniciar esse processo aos 16 ou 17. Um jovem da classe operária ou da classe média baixa nunca adquire no uso desta forma de prestígio a segurança que os jovens da classe média alta adquirem: como vimos, até mesmo aos 30



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ou 40 anos, o falante da classe média baixa pode ter pretensões de mudar seu estilo monitorado, alterando seu conceito de norma de prestígio para se adequar aos padrões mais recentes. Em contraste, o graduado universitário alcançou certo grau de segurança no seu uso do inglês, em parte através do intenso contato com falantes de prestígio e em parte através da aprovação de seus colegas estudantes. Apesar do fato de depender, portanto, de uma pronúncia de prestígio adquirida tardiamente, seu uso desta pronúncia pode permanecer relativamente constante a partir deste momento (LABOV, 2008, p.168).

De acordo com estudos do autor, existem etapas de aprendizagem e aquisição da língua que são definidas por determinada faixa etária de cada indivíduo respeitando as regras da língua. Aspectos sociais e culturais poderão modificar os reais usos da língua. Desta forma, os estudos da linguística objetiva considerar todos os usos da língua e não apenas uma língua “não importando que o número de seus falantes se conte por milhões ou por dezenas, nem o grau de desenvolvimento econômico porventura alcançado pelas sociedades que a falam” (Lopes, 1980 apud Camacho, 2013).

Uma breve história da língua inglesa nos EUA e no RU e suas variações

Nesta seção abordaremos a transformação da língua inglesa referente as variações utilizadas por sujeitos estadunidenses e britânicos ao longo dos anos em uma forma muito sucinta.

Assim como todas as línguas, a língua inglesa também sofreu/ sofre/sofrerá mudanças o longo dos tempos, já que é viva. Estas mudanças podem ser ocasionadas não apenas na pronúncia, como também em sua escrita. Esta língua foi originada de uma fusão de muitas línguas de diferentes povos (celtas, romanos, franceses, nórdicos, anglo-saxões, dentre outras), portanto, estamos nos referindo a uma língua híbrida.

Schutz (2013), em seu artigo sobre a História da Língua Inglesa⁴⁸, apresenta

48 Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em: jul. 2018.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

três estágios da língua: o inglês arcaico (Old English), o inglês médio (Middle English) e o inglês moderno (Modern English).

O inglês arcaico (Old English) (500-1100 a.d.),

[...] às vezes também denominado Anglo-Saxon, comparado ao inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia, quanto no vocabulário e na gramática. Para um falante nativo de inglês hoje, das 54 palavras do Pai Nosso em Old English, menos de 15% são reconhecíveis na escrita, e provavelmente nada seria reconhecido ao ser pronunciado. A correlação entre pronúncia e ortografia, entretanto, era muito mais próxima do que no inglês moderno. No plano gramatical, as diferenças também são substanciais. Em Old English, os substantivos declinam e têm gênero (masculino, feminino e neutro), e os verbos são conjugados (SCHUTZ, 2013, p. 2).

O inglês médio (Middle English) (1100 - 1500) de acordo com o autor, apresentou:

forte presença e influência da língua francesa no inglês. Essa verdadeira transfusão de cultura franco-normanda na nação anglosaxônica, que durou três séculos, resultou principalmente num aporte considerável de vocabulário. Isto demonstra que, por mais forte que possa ser a influência de uma língua sobre outra, esta influência normalmente não vai além de um enriquecimento de vocabulário, dificilmente afetando a pronúncia ou a estrutura gramatical.

O passar dos séculos e as disputas que acabaram ocorrendo entre os normandos das ilhas britânicas e os do continente, provocam o surgimento de um sentimento nacionalista e, pelo final do século 15, já se torna evidente que o inglês havia prevalecido. Até mesmo como linguagem escrita, o inglês já havia substituído o francês e o latim como língua oficial para documentos. Também começava a surgir uma literatura nacional. (SCHUTZ, 2013, p. 3)

Ainda neste período muitas palavras foram inseridas oriundas de outros povos como mostra a tabela abaixo:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quadro 1: Vocabulário oriundos de outros povos incorporado à língua inglesa

Anglo-Saxão	Francês	Anglo-Saxão	Francês	Anglo-Saxão	Francês	Anglo-Saxão	Francês
answer	respond	end	finish	hide	conceal	ox	beef
ask	question	fair	beautiful	holy	sacred	sheep	mutton
begin	commence	feed	nourish	house	mansion	shut	close
bill	beak	folk	people	hunt	chase	sight	vision
chicken	poultry	freedom	liberty	kin	relations	swine	pork
child	infant	ghost	phantom	kingly	royal	wedding	marriage
clothe	dress	happiness	felicity	leave	depart	wish	desire
come	arrive	heaven	paradise	look	search	work	labor
doom	judgement	help	aid	mistake	error	yearly	annua

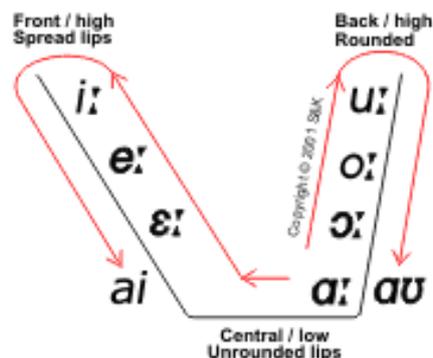
Fonte: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em: jul. 2018.

Outra influência na língua ocorrida neste período foi a perda de declinações e de vogais atônicas ao final das palavras e o surgimento da Grande Mudança das Vogais (“The Great Vowel Shift”), onde sete sons de vogal longa do inglês foram reduzidos para cinco. Essa mudança fundamental na pronúncia costuma marcar a transição entre o inglês médio e as origens do inglês moderno (Messias, 2015). Podemos conferir as mudanças das vogais na língua e a pronúncia conforme o gráfico e o quadro abaixo:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Gráfico 1: As mudanças nas vogaisFonte: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em: jul. 2018**Quadro 2:** Mudanças na pronúncia

PRONÚNCIA ANTES DO SÉCULO 15	PRONÚNCIA MODERNA
fine /fi:ne/	/fayn/
hus /hu:s/	house /haws/
ded /de:d/, semelhante a <i>dedo</i> em português	deed /diyd/
fame /fa:me/, semelhante à atual pronúncia de <i>father</i>	/feym/
so /só:/, semelhante à atual pronúncia de <i>saw</i>	/sow/
to /to:/, semelhante à atual pronúncia de <i>toe</i>	/tuw/

Fonte: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em: jul. 2018

O inglês moderno (MODERN ENGLISH) (a partir de 1500) que segue até os dias de hoje:

representou um período de padronização e unificação da língua. O advento da imprensa em 1475 e a criação de um sistema postal em 1516 possibilitaram a disseminação do dialeto de Londres - já então o centro político, social e econômico da Inglaterra. A disponibilidade de materiais impressos também deu impulso à educação, trazendo o alfabetismo ao alcance da classe média. (SCHUTZ, 2013, p. 4).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Posteriormente no século XVIII, um grande acontecimento marcou o uso da língua inglesa devido ao êxodo rural onde as pessoas se deslocaram para a cidade a busca de empregos e segundo Magalhães (2018) “as variações linguísticas tornaram-se evidentes. Nesse clima de industrialização, era inevitável a reivindicação por escolarização. Logo, o Standard English foi imposto, em busca de padronização e unificação da língua”. E hoje, devido ao fenômeno da globalização, a língua inglesa se expandiu ao redor do globo, muitas pessoas fazem o uso da língua para se comunicar, trabalhar, estudar, viajar, se entreter, etc. E neste contexto de globalização, a língua vem sendo estudada por linguistas na contemporaneidade refletindo sobre o uso de ILF, como veremos a seguir.

O uso do Inglês como Língua Franca (ILF) e suas implicações no ensino/aprendizagem de língua inglesa

Levando-se em consideração que a língua é o meio em que o homem pode expressar seus sentimentos, suas ideias e sua própria identidade através de uma cultura em que cada indivíduo está inserido, o que lhe foi transmitido durante gerações pode se tornar renovado ou manter-se em constante transformação, já que a língua é viva e prossegue em uma mutação contínua e o meio em que cada um vive tem uma parcialidade de influência na forma como falamos. Ao mesmo tempo que um falante usa a língua, ele a modifica pois no processo de comunicação a sua transmissão pode ser diferenciada de acordo com seus interesses.

Segundo Gimenez (2015), o uso da nomenclatura “língua franca” ainda é um pouco recente para definir o uso gradativo da língua inglesa em situações interculturais, “nos quais os interagentes, oriundos de múltiplas realidades sociolinguísticas, recorrem a ela para atingir seus propósitos comunicativos” (2015, p.77), ou seja, o uso do ILF é propiciado entre falantes de diferentes língua maternas. Ainda conforme a autora:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Esse termo já fora usado para referir-se a uma variedade linguística falada no sudeste da região mediterrânea entre os séculos XV e XIX que, de acordo com Knapp e Meierkord (2002, p. 9), era “um pidgin, provavelmente baseado em alguns dialetos italianos antigos e que incluía elementos de espanhol, francês, português, árabe, turco, grego e persa”. Embora o ILF não seja um pidgin, sua natureza híbrida pode ser comparada aos usos contemporâneos do inglês, que exerce uma série de funções em diferentes contextos e protagoniza um papel distinto das demais línguas no contexto da globalização. (GIMENEZ, 2015, p. 77-78).

Desta forma, o termo “Língua Franca” em que abordamos nesta pesquisa e que é utilizado na atualidade diferencia-se de como era utilizado inicialmente, mas ainda assim (por se tratar de língua) existem algumas divergências em relação ao seu emprego. Widdowson (2014) apud Gimenez et al. (2015) defende que há legitimidade em regras variáveis, ou seja, o ILF não seria uma versão defeituosa do inglês, mas sim uma versão diferente deste, e, portanto, contrária à visão de privação verbal. Nesse escopo de pensamento, Widdowson (2014) afirma, então, que é possível comunicar-se sem demonstrar conformidade com o padrão.

Para podermos refletir sobre o uso do ILF, o ponto central a ser pensado envolve-se na dicotomia falante nativo (FN) – falante não nativo (FNN), já que o mais importante neste uso da língua inglesa é a comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas onde a interação entre estes indivíduos possa ser efetuada, ou seja, ILF é “qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas para quem ele é o meio de comunicação escolhido, e frequentemente, a única opção” (SEIDLHOFER, 2011, p.7). Para que possamos ter uma visão de como a LI tomou dimensões entre falantes de diversas línguas, o linguista Kashru (1985) apud Crystal (2003, p. 60)⁴⁹ criou três círculos concêntricos que até os dias de hoje são utilizados por

⁴⁹ O inner circle se refere aos países que utilizam a língua inglesa da forma tradicional, ou seja, são falantes nativos da língua, também denominados como English as a Native Language (ENL). Cabe a este círculo os países: Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, Canadá, Austrália e Nova Zelândia; o outer circle ou



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pesquisadores a fim de mostrar que a LI não pode ser pertencente apenas aos círculos do centro, haja vista que a grande maioria de falantes desta língua não são nativos.

Inicialmente os estudos focavam apenas o uso da LI por FNN, mas estudos recentes englobam também o FN, devido ao fato destes falantes também serem indivíduos que fazem parte do processo de comunicação em LI.

Ao tomar essa realidade sociolinguística como foco, os estudos buscam não necessariamente identificar uma variedade do inglês para codificá-la, mas estudar os usos inovadores da língua, com interesse maior pelos processos que permitem a emergência dessas formas do que as formas em si mesmas. De acordo com Cogo e Dewey (2012):

As pesquisas realizadas neste quadro referencial buscam identificar, descrever e fazer sentido dos processos em operação em situações de fala de língua franca que, ao fazê-lo, fornecem exemplos de formas linguísticas inovadoras. Isto é feito não com a intenção de ‘corrigir’ a língua, por assim dizer, e nem identificar as propriedades do ILF como uma variedade, mas sim ilustrar sua natureza híbrida e mutável.⁵⁰ (COGO; DEWEY, 2012, p. 13).

Em relação ao interesse em comprovar uma padronização na língua, o chamado “projeto ILF” tem sido visto como uma tentativa de codificar ILF como variedade (Canagarajah, 2013 apud Gimenez, 2015):

Canagarajah (2013, p. 63), citando uma publicação de Seidlhofer de (2004), afirma: “é evidente que o ILF está sendo tratado como

extended circle envolve países que utilizam a língua inglesa como segunda língua, os chamados English as a Second Language (ESL), assim, a língua inglesa torna-se parte do país e envolve países como: Cingapura, Índia, Bangladesh e outros cinquenta países. Por fim, há o expanding ou extending circle ou English as a Foreign Language (EFL), que envolve outros países que reconhecem a língua inglesa como uma língua internacional.

⁵⁰ Research conducted within this framework aims to uncover, describe and make sense of the processes in operation in lingua franca talk, and in doing so provides incidences of innovative language forms. This is undertaken not from a position of attempting to ‘fix’ the language, as it were, nor to identify the properties of ELF as a single variety, but rather to illustrate its hybrid, mutable nature (tradução livre da autora)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

variedade que pode ser codificada em termos de suas características linguísticas”. (GIMENEZ, 2015, p. 79).

No entanto, estudos mais modernos têm procurado desfocar a abordagem de conceito de língua como prática (*practice-based perspective*), o qual a pragmática teria o papel de resolver, apesar de que Canagarajah (2013, p. 64) indique que este processo não tenha sido completado ainda: “Os pesquisadores de ILF ainda atribuem lugar de destaque para as normas gramaticais e tratam as estratégias de negociação como adendos, em pé de igualdade com as formas”. Berns (2011) defende o ILF como uso da LI e não pode ser chamado de variedade:

[...] tenho dificuldade quando nós estendemos noções como a do inglês como língua internacional, inglês como língua franca e as equipamos com variedades. Porque se nós dissermos “eu uso inglês como meio de instrução”, nós não estamos falando sobre uma variedade em particular, nós estamos falando sobre o uso. (...) “língua franca”, “inglês para comunicação internacional”, estes são geralmente construtos que definem um uso da língua em termos mais amplos. (BERNS, 2011, p. 294).

Friedrich & Matsuda (2010), assim como Berns (2011), também discordam da concepção de ILF como variante linguística e definem o termo como uma função da língua inglesa no mundo.

Apesar de existirem debates, questionamentos e dúvidas acerca do uso do ILF se seria ou não uma variedade da língua inglesa, devemos perceber que se trata de um uso da LI onde o FN é descentralizado, ou seja, a LI pertence a todos que dela fazem uso e desta forma valoriza a identidade de língua materna de cada falante. Portanto, ao fazer uso do ILF, características da língua materna, como o sotaque, por exemplo, estarão presentes, sem deixar de ser possibilitada a comunicação entre os falantes. O uso do ILF não é uma imitação do FN, mas um uso que possibilita a interação e comunicação de diferentes povos.

Desta forma, os estudos sobre os contextos nos quais o inglês é



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desempenhado como língua franca abre caminho para exploração da diversidade e variabilidade, o que se contrapõe aos princípios que têm guiado o ensino de inglês como língua estrangeira.

O inglês ensinado como língua estrangeira trabalha com noções como o de grupos de falantes de países do centro (designados por Kashru, 1985), não levando em conta a complexidade de situações sociolinguísticas ocasionadas a partir de interações multilíngues.

Objetivos de aprendizagem são geralmente voltados para fazer com que os aprendizes se aproximem o máximo possível do falante nativo. Ao apontar os limites desse tipo de abordagem, o ILF tem sido interpretado, erroneamente, como uma variedade internacional do inglês a substituir as tradicionalmente adotadas nos cursos.

Podemos compreender que, apesar de ainda permanecermos em fase de (re)significações sobre o que significa o ILF e que muitas pesquisas nesta área ainda precisam serem feitas, repensar a formação docente de inglês envolvem muitas questões que vão além da teoria, assim, a prática tem uma relevante posição, pois o uso da língua poderá ser adequada com o interesse e/ou necessidade de cada falante.

Para que possamos (nós, professores) ter uma visão sobre diferentes perspectivas de ensino/aprendizagem de LI, algumas mudanças poderão ser (re)pensadas na formação de professores, como aponta Seidlhofer (2004):

[...] o ensino de inglês está atravessando uma fase pós-moderna nas quais as formas e asserções antigas estão sendo rejeitadas, embora nenhuma outra nova ortodoxia esteja sendo oferecida no lugar. Este estado de coisas torna a distinção entre educação e treinamento mais relevante do que nunca: ao invés de somente ser treinado em um conjunto restrito de técnicas pré-formuladas para contextos de ensino específicos, professores precisarão de uma formação mais abrangente que os possibilite a julgar as implicações do fenômeno do ILF para seus próprios contextos e adaptar o ensino para as exigências específicas dos alunos. Tal formação de professores fomentaria uma compreensão do processo de variação linguística e mudança, o relacionamento entre língua e identidade, a importância dos fatores



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sociopsicológicos na comunicação intercultural e a natureza suspeita de qualquer solução supostamente universal para problemas pedagógico⁵¹. (SEIDLHOFER, 2004, p. 228).

Boa parte das críticas ao ILF são feitas pelo contraste entre ensino de uma variedade padrão, normativa, com valorização no mercado das línguas (PARK; WEE, 2014) e um ensino voltado para estratégias pragmáticas. ILF baseia-se nas formas com que os contextos comunicativos se apresentam e como sua variabilidade é formada, não comparando à formas “ditas padrões” da língua. Ensinar na perspectiva do ILF seria mais do que expor aprendizes a diferentes variedades de inglês, seria questionar a própria percepção de variedade como afirma Déa (2018):

Como o ILF compreende a pluricentralidade do inglês, pensando no processo de ensino-aprendizagem, expor os aprendizes aos falantes não nativos pode sensibilizá-los para os possíveis contextos que eles encontrarão em situações comunicativas reais. Esse contato com variedades não nativas pode também ensiná-lo a valorizar-se enquanto falante, de maneira a não se sentir ansioso ou frustrado por não ter uma pronúncia semelhante ao do falante nativo, ou por não utilizar expressões idiomáticas como eles fazem. Levar o ILF para o ensino-aprendizagem e para o material didático é descentralizar o falante nativo (principalmente dos Estados Unidos e da Inglaterra) e mostrar aos aprendizes que, numa perspectiva sociolinguística, é necessário ter sensibilidade, empatia e atitude positiva em relação ao interlocutor, estando preparado para as negociações a serem feitas no momento do evento comunicativos. (DÉA, 2018, p. 45)

Desta forma, devemos pensar na língua como ela realmente é utilizada nos

⁵¹ [...] the teaching of English is going through a truly postmodern phase in which old forms and assumptions are being rejected while no new orthodoxy can be offered in their place. This state of affairs makes the familiar distinction between education and training more relevant than ever: Rather than just being trained in a restricted set of pre-formulated techniques for specific teaching contexts, teachers will need a more comprehensive education which enables them to judge the implications of the ELF phenomenon for their own teaching contexts and to adapt their teaching to the particular requirements of their learners. Such teacher education would foster an understanding of the processes of language variation and change, the relationship between language and identity, the importance of social-psychological factors in intercultural communication and the suspect nature of any supposedly universal solutions to pedagogic problems.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dias atuais e de acordo com as nossas necessidades e expor aos alunos esta visão de uso da língua em qual cada falante pode se sentir seguro na forma de falar, sem ter que “imitar” outrem.

Considerações finais

Podemos perceber a grande importância dos estudos linguísticos no desenvolvimento de uma língua e que esta estará em constante transformação. A língua inglesa possui diversas variações e hoje é a língua mais falada no mundo em questões de comunicação entre diferentes povos. No entanto, o uso do ILF não é defendido como variação linguística, é aceito como uso e/ou função da língua. É importante estarmos atentos às diferentes formas de uso da língua e evitarmos preconceitos de usos onde o modo com que cada indivíduo faz uso da mesma seja valorizado, não havendo, portanto, forma de uso superior ou inferior ao outro.

Nesta perspectiva, os estudos sociolinguísticos trazem grande contribuição na compreensão de como a língua é (re)modelada e como acontecem os processos de mudança e para que um professor de língua exerça com exatidão a sua prática docente, este deve estar atento às diversas formas de uso da língua para que se possa combater o preconceito linguístico ainda existente na sociedade.

Referências

BERNS, M. Entrevista - English as a lingua franca: a conversation with Margie Berns. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L.C.S.; EL KADRI, M.S. (Ed.) **Inglês como lingual franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal a linguística social**. São Paulo, Parábola, 2013.

CANAGARAJAH, S. **Translingual practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations**. London: Routledge, 2013.

COGO, A.; DEWEY, M. **Analysing English as a lingua franca: a corpus-driven**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

investigation. London: Continuum, 2012.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language**. Cambridge: CUP, 2003. p. 224.

DÉA, C. M. **Global English**: Análise da representação do falante de Inglês como Língua Franca em um material didático. 2018, 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2018.

FRIEDRICH, P.; MATSUDA, A. When Five Words Are Not Enough: a conceptual and terminological discussion of English as a lingua Franca. **International Multilingual Research Journal**, v.4, n.1, p. 20-30, 2010.

GIMENEZ, T. Renomeando o inglês e formando professores de uma língua global. **Estudos linguísticos e literários**, nº52, Salvador, 2015, p. 73-93.

GIMENEZ, T. et al. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, 2015. p. 593-619.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MESSIAS, C. M. F. Um estudo sobre a variação linguística em língua inglesa. **Claraboia**, Jacarezinho, n.2/2, p. 217- 233, jul./dez., 2015.

KNAPP, K.; MEIERKORD, C. (Ed.). **Lingua franca communication**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002.

MAGALHÃES, S. R. G. P. Desafios para um ensino contextualizado e crítico do inglês como a língua do mundo. **Cenas educacionais**, Caetité, Bahia, v.1, n. 1, p. 185-206, jan./jun. 2018.

MOLLICA, M. C.; BRAGA M. L. (Orgs.). Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 9-14.

PARK, J.S.; WEE, L. **English as a Lingua Franca**: lessons for language and mobility. **Multilingual Margins**, Bellville, v., n. 1, p.53-63, 2014.

SEIDLHOFER, B. Research perspectives on teaching English as a Lingua Franca. **Annual**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Review of Applied Linguistics, Cambridge, v.24, p. 209-239, 2004.

_____. **Understanding English as a lingua franca**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

WIDDOWSON, H. G. **ELF and the Pragmatics of Language Variation**. Palestra ministrada na 7th International Conference of Lingua Franca, Atenas, Grécia, 04 set. 2014.